



M. J. ARLIDGE

Autor bestseller internacional

MAL ME QUER

**NEM NO INFERNO
SE VÊ UMA FÚRIA ASSIM**

**TOP
SEL
LER**

«Sinistro e de leitura compulsiva.»

THE TIMES

1

7h05

Southampton brilhava a vermelho. Era uma manhã fresca de outono, com a geada ainda quebradiça no solo, mas uma luz quente deslocava-se furtivamente sobre a cidade conforme o Sol ascendia pelo horizonte. Era uma vista espantosamente bela e Sonia Smalling sorriu para si mesma enquanto conduzia pela pacata estrada rural. Era graças a dias como este que as pessoas se sentiam gratas pela vida.

Sonia trabalhava em Southampton havia quase dez anos, mas não optara por lá morar, preferindo o ritmo calmo e descontraído da vida na aldeia. Vivia perto de Ashurst, nos limites de New Forest, e aquilo que mais adorava era levar os cães a passear mal o dia começava a nascer. O marido, Thomas, muitas vezes acompanhava-a, e por vezes também os rapazes, quando conseguia arrancá-los da cama. Com o Sol baixo no céu, seria um dia glorioso para percorrer os carreiros estreitos do bosque com os dois *setters* irlandeses, mas nesta manhã Sonia iria ter de renunciar a isso. Tinha um novo grupo de miúdos e queria chegar cedo ao escritório para se assegurar de que tudo corria sem sobressaltos.

O trajeto até ao trabalho não era difícil, apesar de não ter como evitar o trânsito na A336 e, quando Sonia voava assim pelas estradas rurais, sentia-se perfeitamente feliz. Sintonizara a sua estação de rádio preferida, tinha o aquecimento no máximo e apreciava o rugido do novo *Audi*. Fugindo ao que era típico de si, não optara pelo modelo básico, deitando mão às poupanças para comprar a versão desportiva. «Vive um pouco», fora o argumento que apresentara ao marido, bastante perplexo.

A estrada apresentava-se desimpedida, pelo que pisou o acelerador. Apesar da geada, os pneus agarraram-se ao piso e o carro acelerou estrada fora. Olhou para o relógio — 7h05 — e percebeu que chegaria ao trabalho ainda mais cedo do que o habitual. Devia ser o suficiente para manter o chefe ao largo.

Quando tornou a levantar o olhar, gelou de imediato. Estava uma mulher parada na via, mesmo à sua frente, a gritar e a acenar os braços. Por instinto, Sonia carregou a fundo no travão. Mas percebeu logo que era demasiado tarde — iria atingir a mulher e seria sua culpa, por conduzir em excesso de velocidade. Naqueles poucos e preciosos segundos, anteviu o cenário todo — o horrível impacto, o corpo despedaçado —, mas para sua enorme surpresa o carro de repente estacou, a poucos centímetros da mulher aterrorizada.

Sonia ficou sentada muito direita, com o coração aos saltos. Mas a mulher já dera a volta ao carro e batia à janela.

— Por favor, ajude-me... *Tem* de me ajudar.

Sonia virou-se para ela, tentando perceber o que se passava. A mulher encontrava-se vestida com calças militares e impermeável. Através da viseira do capacete dela, Sonia via um pequeno fio de sangue a escorrer-lhe pela têmpora.

— O meu namorado caiu da moto. Não se mexe...

Sonia espreitou para a estrada e sofreu o segundo choque da manhã. Mais adiante, estava uma moto destroçada e junto dela um vulto, deitado imóvel no meio da estrada.

A mulher chorava, a tremer e desesperada, pelo que, gesticulando para que se afastasse do carro, Sonia desapertou o cinto de segurança e saiu. Ainda estava bastante abalada, mas, dado que recebera treino de primeiros socorros, era seu dever ajudar. Espreitando para trás para verificar se a estrada estava desimpedida, apressou-se na direção do homem, rezando em silêncio para que os ferimentos não fossem graves. Já vira muitas coisas na vida, mas nunca morrera ninguém à sua frente.

— Consegue ouvir-me?

Ajoelhando-se no alcatrão frio, rodou-o delicadamente para o deitar de costas. Tinha a viseira partida, os olhos fechados e Sonia já temia o pior.

— Ele está bem? Vai ficar bem?

Sonia ignorou o chilreio da namorada, erguendo a cabeça do homem. Ainda estava quente, o que já era alguma coisa, mas continuava sem reação, a cabeça pesada na sua mão.

— Vai correr tudo bem — disse ela ao homem ferido —, mas preciso que fale comigo.

Ainda sem reação. Sonia tentou levantar a viseira, mas esta não se mexia.

— Ouve o que eu digo?

Ainda nada, pelo que insistiu, mais alto.

— Ouve o que eu lhe...

Ele abriu os olhos de repente, fitando-a.

— Perfeitamente, minha querida.

E então deu-lhe um soco na cara.

2

7h08

O parque de estacionamento subterrâneo era escuro e sombrio. Não tardaria a encher-se de jovens profissionais a correr para os seus carros, mas àquela hora estava sem vida e desagradável, iluminado apenas por lâmpadas fluorescentes. Helen Grace não passava de uma silhueta solitária a atravessar o chão de cimento manchado a óleo, com as luzes a dançar sobre o seu fato de *motard* em couro.

Apressou-se na direção da sua nova moto, orgulhosamente estacionada no lugar 26. Helen não era dada a extravagâncias, mas decidira oferecer uma prenda a si mesma depois dos recentes problemas por que passara. Recebera uma boa quantia de indemnização, depois de ter sido erradamente detida e encarcerada, e decidira aproveitá-la. Oferecera a maior parte do dinheiro a uma instituição local de apoio a crianças, mas estourara o resto numa única compra — uma nova *Kawasaki Ninja*.

Naquela manhã, sentia-se grata por dispor da sua companhia. A prisão não a derrubara, mas deixara marcas profundas. Esforçava-se por dormir, mas o silêncio no seu apartamento no último andar parecia-lhe asfixiante e, quando conseguia deixar-se levar pelo sono, era atormentada por pesadelos terríveis. Nesses sonhos, estava de volta à sua cela, assustada e desesperada. Por vezes, os fantasmas de Holloway desfilavam diante de si — as prisioneiras assassinadas a castigá-la por não ter logrado salvá-las. Noutras alturas, era a sua irmã, Marianne, que a abordava, apelando-lhe para que se unisse a ela na morte. Hediondamente, Marianne aparecia não como Helen

a recordava, mas como ficara no final — com um buraco de bala na testa a brilhar de humidade.

Helen acordava desorientada e a transpirar, com o medo a perdurar muito depois de estas visões horríveis terem desaparecido. Sempre adorara o seu pequeno apartamento, mas, nove meses decorridos desde que fora libertada, muitas vezes parecia-lhe apertado, até opressivo. Sabia que tudo aquilo estava apenas na sua cabeça, que aquela acolhedora casa sempre fora o seu refúgio, mas não havia como negar a sua respiração superficial ou a batida furiosa do coração quando despertava de repente desses sonhos febris. Helen ainda não sofrera um verdadeiro ataque de pânico, mas pressentia que isso estava para acontecer, pelo que fugia sempre que sentia uma subida nos níveis de ansiedade. Descia à cave até junto da sua moto. Apenas quando a montava é que os seus pensamentos sombrios começavam a retroceder.

Já não era uma prisioneira, mas às vezes precisava simplesmente de *sair*. E era por isso que ansiava sempre pelo amanhecer, quando o dia era novo e aguardava por ser vivido. Levantando o descanso, aguardou que o portão subisse e depois, rodando o acelerador, fez a moto rugir a caminho da luz.

3

7h09

Receu o mais depressa que pôde, gatinhando sobre o alcatrão. Tinha as pernas arranhadas, as unhas partidas, mas prosseguiu, enquanto o atacante avançava sobre si. Sonia sentia a cabeça à roda, os olhos inchados com lágrimas e o sangue a pingar-lhe do queixo. Só lhe apetecia deitar-se e chorar — mas o instinto fê-la continuar. Tinha de lhe escapar.

Ficara tão espantada ao vê-lo abrir os olhos que nem dera pelo punho a voar na sua direção. Demasiado tarde, apercebeu-se do perigo e pouco depois sentiu-se a cair para trás. Sem dúvida que teria o nariz partido e também sentia a nuca pegajosa, no ponto em que embatera na estrada. Tinha vontade de vomitar, sentia o vômito a subir-lhe pela garganta, mas obrigou-o a deter-se, enquanto se esforçava por fugir.

Tentou virar-se, movendo-se o mais depressa que conseguia, mas a bota dele bateu-lhe com força no peito, tornando a deitá-la por terra. Ainda assim, continuou a movimentar-se, mas de repente a sua mente encheu-se de imagens do que ele poderia fazer-lhe naquela estrada rural pouco movimentada — coisas sobre as quais lera nos jornais, coisas com as quais se cruzava no seu trabalho. Conhecera imensas vítimas, mas nunca lhe tinha ocorrido que pudesse *ser* uma delas.

Agora ele ria-se. Tal como a mulher. Sonia sentiu-se tomada pelo ódio. Eles *não* tinham o direito de lhe fazer isto. Engodá-la a sair do carro. Espancá-la. Atormentá-la desta forma. Ela era uma mulher adulta com um emprego de muita responsabilidade — um

emprego recompensador. E além disso era uma esposa, uma mãe...

As suas costas embateram com violência em algo mais atrás, despertando-a dos pensamentos amargos. Voltando-se, verificou que chocara com o seu próprio carro, que lhe cortava a trajetória de fuga. Aterrorizada, devolveu o olhar ao seu atacante, que então se deteve a um par de passos dela. Parecia absolutamente calmo, descontraído até. De repente, Sonia sentiu-se petrificada, a postura dele parecia atrair apenas coisas más.

— Posso dar-lhe dinheiro... — deu por si a dizer. — Tenho dinheiro, cartões de crédito... Leve o carro, se quiser...

Apontou para o *Audi* atrás de si, com um sorriso débil e implorante. Mas o homem nem reagiu, olhando-a fixamente.

— Tenho joias, um anel de diamantes, um colar. Leve isso tudo, pode vendê-los, por favor... *por favor*, deixe-me ir...

O homem fitou-a por momentos e depois abanou suavemente a cabeça.

— Lamento, mas não posso fazer isso...

Enquanto falava, retirou algo de dentro do casaco e apontou-lho. Para seu horror, Sonia percebeu que olhava agora para a extremidade de uma caçadeira de canos serrados. Tentou falar, mas ficou sem fôlego e só conseguiu ouvir impotentemente enquanto ele concluía:

— Isto é o fim do caminho, querida.

4

7h17

O vento vergastava-a, sacudindo-lhe o corpo. Helen excedia confortavelmente o limite de velocidade, mas nem por isso abrandou. A estrada encontrava-se desimpedida e ela seguia ao comando da sua máquina, de si mesma.

A sua vida era tão complicada, o seu emprego tão exigente, que estes momentos no dealbar do dia eram os únicos de que dispunha para si mesma. O antigo chefe, o inspetor-superintendente Jonathan Gardam, deixara a força policial logo a seguir a Helen ter sido libertada da prisão. Tal revelara-se um grande alívio para ela, que não desejava de forma alguma enfrentá-lo, mas não previra as complicações que se seguiriam. Nove meses decorridos, os superiores ainda não tinham nomeado um sucessor, deixando a Helen a responsabilidade de assumir tais funções, além das suas.

Anteriormente, poderia ter recusado tal situação, recorrendo aos que estavam abaixo de si para a ajudarem a suportar o fardo. Sempre se mostrara uma chefe de equipa popular e eficaz, mas, desde que fora detida, tudo mudara. Um ano antes, Helen tinha sido investigada e detida pela sua própria equipa, com a sargento-inspetora Sanderson a liderar a acusação que a levava a ser acusada de triplo homicídio. Talvez tivesse sido feito com a melhor das intenções, mas aquilo abalara profundamente Helen. A sua equipa — que ela inspirara, encorajara e em alguns casos promovera — virara-se contra si. Muitos dos envolvidos ainda trabalhavam na Esquadra Central de Southampton, mas agora dificilmente a encaravam. Charlie Brooks era uma honrosa exceção — a sua fé na amiga nunca vacilara —,

mas Helen achava profundamente complicado trabalhar com o resto da equipa. Todos eram zelosos, recetivos e até leais — mas custava-lhe confiar neles, sentindo ainda o peso da traição. Talvez devesse ter partido, mas Southampton era o seu lar, pelo que optara por ficar. Cada vez mais questionava a sensatez de tal decisão.

Eram estes momentos que a mantinham sã. Quando podia rasgar as tranquilas estradas rurais, em que só ela e os elementos existiam. A velocidade sempre fora sua aliada, parecendo alterar o mundo em seu redor, diminuindo-lhe a importância. Adorava a sensação proporcionada por conduzir uma moto, como se flutuasse em...

Saiu do nada. O carro preto rugia na direção dela, sem intenções de parar. Helen dispôs apenas de um segundo para reagir, e ao inclinar o corpo e guinar o guiador para a direita, conseguiu esquivar-se ao impacto por uma unha negra. A viatura passou a grande velocidade, com a deslocação do ar a desestabilizá-la ainda mais, conforme a moto dela apontava para a beira da estrada. Estava apenas a segundos do impacto, mas, premindo o travão, espetou o pé esquerdo para baixo, mais com esperança do que crença. A moto corcoveou e abanou, com os pneus a guinchar ao derrapar pelo asfalto, antes de acabar por se deter muito perto de um monte de erva.

Helen lançou um olhar furioso ao carro que se afastava, cujo condutor parecia completamente indiferente ao facto de quase terem chocado. Dando a volta com a moto, Helen preparava-se para se lançar atrás da viatura, determinada a levá-lo à justiça. Mas, entretanto, algo a levou a deter-se. Na sua visão periférica, discerniu uma forma na estrada adiante. O seu instinto inicial dizia-lhe que provavelmente seria um texugo ou uma raposa, ceifado pelo condutor irresponsável; mas, ao virar-se para ver melhor, Helen percebeu que se tratava de uma mulher, estendida no meio da estrada.

Sem hesitar, Helen deu a volta com a moto e acelerou na direção dela. Percorreu a distância em segundos, saltando da moto e correndo para a figura deitada de costas. Já sem capacete, Helen baixou-se para tratar da mulher ferida, cujo rosto estava bastante manchado de sangue.

— Está tudo bem. Sou agente da Polícia. Estou aqui para a ajudar — disse-lhe num tom gentil, levantando a cabeça da mulher com uma mão, enquanto com a outra pegava no rádio da Polícia. A mulher tentou reagir, mas jorrou-lhe da boca uma grande quantidade de sangue. Estava a sufocar, pelo que Helen tentou erguê-la, para suavizar a pressão nas vias respiratórias. Quando o fez, sentiu um baque no coração. Ao ver pela primeira vez a globalidade dos ferimentos da mulher, reparou num grande buraco que ela exibia no peito. Não fora um acidente de viação.

Segurando-a com cuidado, Helen pediu auxílio por rádio, embora já tivesse a noção de que não serviria de nada. Os ferimentos da mulher eram demasiado graves — Helen chegara demasiado tarde. A mulher agarrava-se à vida, tentando sussurrar-lhe algo. Ergueu a cabeça, com os seus lábios ensanguentados a formarem uma palavra sem fôlego e incompreensível, até que de repente caiu para trás, soçobrando. Helen continuou a segurá-la, mas a luta terminara.

A mulher morrera.

5

7h21

O café dela estava frio, e a sua carreira ainda mais fria. Curvada à sua secretária, Emilia Garanita olhava fixamente para o monitor, incapaz de reunir forças para terminar o aborrecido artigo em que trabalhava.

Era cedo, mas a redação do *Southampton Evening News* começava rapidamente a encher-se, com os níveis de ruído a crescerem paulatinamente, à medida que os jornalistas chegavam para trabalhar. A maioria das pessoas achava o ambiente amigável, até excitante, mas ela não.

Se lhe tivessem dito um ano antes que iria regressar a este lugar, ter-se-ia rido. Seguindo o furo sobre os infames homicídios S&M, que tinham levado diretamente à detenção de Helen Grace, acompanhara o caso até Londres, para ganhar reputação. Tinha um futuro brilhante à sua espera... até se se verificar que apostara no cavalo errado. Por vezes, Emilia desejava sinceramente nunca se ter cruzado com a irrefreável inspetora-chefe.

O trabalho para os jornais sérios tinha sido o primeiro a secar, e pouco depois foram os tabloides a cansar-se dela. Quando obteve informações de dentro sobre a vida de Helen Grace na prisão, todos queriam falar consigo, ávidos por imprimirem artigos que visceraram o bom nome de Grace. Quando se soube que a agente caída em desgraça estava completamente inocente, toda a gente foi lesta a largar Emilia.

Manteve-se na capital enquanto dispôs de dinheiro, mas dado que os seus vários irmãos ainda viviam em Southampton

e dependiam financeiramente de si, viu-se obrigada a regressar a casa e implorar ao seu antigo editor que lhe devolvesse o emprego.

— Como é que vai esse artigo?

Emilia voltou-se e deu com o chefe parado à porta do gabinete dele, a fitá-la.

— Já não falta muito — respondeu-lhe, ao mesmo tempo que lhe maldizia mentalmente o coração empedernido.

Naturalmente, ele não lhe devolvera o antigo emprego, pois o lugar já tinha sido preenchido. Mas arranjava-lhe outra coisa — um glorioso trabalho de estagiário — para poder regozijar-se com a queda em desgraça dela. O seu sucessor ficava com todas as histórias criminais suculentas, enquanto ela tinha de se contentar com artigos sobre planos dos Vigilantes de Bairro ou demonstrações de segurança no lar. A peça que tinha à sua frente era sobre uma recente vaga de *graffiti* em Southampton — nada que entusiasmasse os leitores... ou Emilia.

Batendo dramaticamente com o dedo no seu relógio, o editor retirou-se para o gabinete. Sabia que ela se debatia com o artigo e só queria mostrar que estava ciente disso. Ela esperou que ele fechasse a porta e depois voltou a pôr os auscultadores. Não serviam apenas para desencorajar os colegas de encetarem uma conversa; eram a sua forma de se entreter.

Localizara recentemente a frequência de rádio da Polícia local e passava o tempo à escuta, enquanto tentava reunir palavras para terminar os seus entediados artigos. Não a ajudava muito, pois não era suposto acompanhar qualquer pista interessante que surgisse, mas permitia-lhe desorientar o seu sucessor referindo casualmente histórias interessantes que ele desconhecia.

O rádio estava sossegado naquela manhã. Southampton parecia sofrer, ultimamente, de um coma de notícias e ela debatia-se se deveria preparar um terceiro café quando ouviu algo que lhe chamou a atenção.

«Todas as unidades sigam para Barton Lane. Disparos fatais.
Autor desconhecido ainda em fuga...»

Emilia não se deu ao trabalho de desligar o rádio — simplesmente arrancou os auscultadores e saiu a correr.

6

7h44

— Ela é casada.
A sargento-inspetora Charlie Brooks observou o corpo brutalizado. Atravessara a cidade a correr para se juntar a Helen e tratou rapidamente de selar o local do crime. Provas importantes poderiam perder-se com um trabalho negligente da Polícia e Charlie avançou com cuidado até ao corpo, com os olhos a fixarem-se de pronto na aliança dourada no quarto dedo.

— Chama-se Sonia Smalling.

Helen acabara de juntar-se a Charlie, entregando-lhe um saco de provas transparente. Dentro, via-se uma mala, um telefone e um cordão com o cartão de identificação de trabalho da vítima.

— É casada, mãe de dois filhos, trabalha para o serviço local de liberdade condicional nos arredores de Totton.

Uma imagem da sua própria filha — Jessica, obstinada em dar os primeiros passos — saltou-lhe de imediato à mente, mas Charlie afastou-a. Ficara profundamente abalada ao ver o corpo da pobre mulher, mas tinha de se concentrar no trabalho em mãos.

— Como é que ela chegou aqui?

— Segundo o IMT, tem um *Audi A3*. Não se avista nenhum por perto e quase choquei com um que saía disparado do local do crime. Alertei a sala de operações; vamos ver o que eles descobrem.

— Onde é que ela vive?

— Ashurst.

— Então, iria a caminho do trabalho — reagiu Charlie, calculando os trajetos.

— Presumivelmente.

— Então, que raio se passou?

Helen virou-se e afastou-se, indicando por gestos a Charlie que a acompanhasse. Charlie olhou para o corpo por mais uns momentos e depois seguiu-a. Helen apontou para uma equipa de técnicos forenses amontoados em redor de uma moto, escondida no meio da folhagem a uns metros dali.

— Foi roubada ontem à noite no centro de Southampton e parece ter sofrido alguns danos.

— Então, o que é que te parece? Um acidente? Uma discussão?

— Talvez... — respondeu Helen, embora não parecesse muito convencida.

— Um assalto, então?

— Se assim foi, não passou de um trabalho de amadores. Deixaram ficar o dinheiro, o telemóvel, cartões de crédito...

— *Carjacking*?

A duas mulheres entreolharam-se. Tratava-se da explicação mais provável, mas não era nada comum em Southampton.

— Talvez tenha sido um ataque pessoal — prosseguiu Charlie. — Se ela trabalha nos serviços de liberdade condicional...

— É uma possibilidade, mas ela trabalha com ladrões de joias e vadios, não com assassinos armados...

Charlie virou costas a Helen para olhar de novo para o corpo, como se a própria Sonia Smalling pudesse providenciar respostas, mas o cadáver já se encontrava tapado pela tenda rapidamente montada. As motivações deste homicídio cruel encontravam-se igualmente bem ocultas — uma matança tão brutal numa pacata estrada rural desafiava a lógica e a experiência. Levantava também algumas questões perturbadoras a Charlie e ao resto da equipa.

Onde tinha o assassino arranjado a arma? Qual seria a sua motivação? E, mais importante, onde estaria ele agora?

7

7h59

Tamborilou com os dedos no volante enquanto aguardava que o semáforo mudasse. Tinham avançado bem ao longo de Southampton, mas estava a chegar a hora de ponta da manhã e deram por si presos numa fila de trabalhadores de escritório e mães bem vestidas na rotunda de Charlotte Place. Ele usava luvas e gostava da sensação do couro no couro, enquanto batia com os dedos no volante cosido à mão, mas continuava ansioso por partir. A paciência nunca fora uma das suas virtudes.

— Olha para aqueles marados.

Um SUV prateado enorme parara ao lado dele. Uma mulher de ar eslavo, a rondar uns 20 anos, seguia ao volante. Atrás dela, estavam as duas crianças a seu cargo — dois rapazes a olharem para ecrãs de televisão e de auscultadores bem postos nos ouvidos.

— Malditos zombies...

Como que pressentindo a desaprovação dele, um dos rapazes virou-se, olhando diretamente para o homem. Ele devolveu o olhar e o rapaz desviou rapidamente a cara, assustado com a sua expressão hostil. Rindo-se por entre dentes, incidiu a sua atenção sobre os outros que seguiam na fila. Homens de fato, mulheres de fato, mães stressadas, amas indiferentes — todos enfiados no seu tormento diário, completamente alheados de quem os rodeava. O que achariam se conseguissem ver o que ele via? Um par de caçadeiras pousado na zona dos pés, canos serrados com precisão, carregadas e prontas para entrar em ação? Iriam gritar? Iriam fugir? Ou iriam pedir para tirar uma *selfie*?

— Marretas... — comentou a companheira dele, enquanto enfiava a mão no porta-luvas, retirando de lá um pacote já aberto de pastilhas *Polos* e um mapa A–Z muito manuseado. Baixando o vidro da janela, atirou-os para a rua, gerando a clara desaprovação do reformado do carro ao lado.

O homem desviou a cara da sua companheira — a sua atenção prendeu-se então em algo que viu num dos lados da rua. Havia uma câmara de trânsito presa a um candeeiro de rua ali perto, observando este troço de estrada bastante movimentado. Parecia apontar diretamente para ele, como se, sozinha, tivesse percebido quem aguardava pacientemente na fila. O homem fitou-a atentamente, pensando no que aquilo poderia ver. Conseguiria distingui-lo? Conseguiria vê-la? Até que ponto *funcionavam* aquelas câmaras?

Ele não era uma daquelas pessoas que ambicionava as luzes da ribalta. Sabia que muita gente gostava, especialmente raparigas, mas nunca fora a sua onda. No passado, só entrara no radar das pessoas quando algo corria mal, quando tramava alguma. Mas agora, pela primeira vez, sentiu-se grato pelas atenções.

Inclinando-se para a frente para se pôr à vista, olhou para a câmara e depois ergueu lentamente o braço, antes de levantar o dedo do meio apontando diretamente para a lente. Vivera imenso tempo nas sombras, ignorado por um mundo insensível e de vistas curtas, todavia tudo isso estava prestes a mudar.

Em breve, toda a gente saberia o seu nome.

8

8h01

Já temos alguma coisa?
A voz da sargento-inspetora Sanderson ecoou pela sala de operações, levando o inspetor Edwards a erguer os olhos do seu terminal.

— Ainda não — respondeu ele, lamentosamente.

— Os agentes locais viram alguma coisa?

— Houve uma série de avistamentos de *Audis*, mas até agora nenhum deles era o nosso veículo. Temos a certeza de que o autor rumou à cidade? Não terá largado o carro e fugido?

— Isso era aquilo que eu tinha a esperança de que me disseses — retorquiu Sanderson, afastando-se na direção do gabinete de Helen.

A chamada de Helen dera-se logo depois das 7h20. Sanderson ainda se encontrava no seu apartamento, mas chegara à Esquadra de Southampton em tempo recorde. Helen estava já no local do crime e Charlie dirigira-se diretamente para lá, deixando Sanderson como a agente mais graduada da Equipa de Incidentes Graves presente no edifício. Em conformidade, esta apressara-se a chegar aos gabinetes da equipa no sétimo andar para montar uma sala de operações — um procedimento-padrão para um crime desta magnitude.

Edwards já se encontrava lá. Tal como McAndrew e, a cada minuto que passava, chegavam mais agentes. Toda a gente percebia que aquilo ia ser algo em grande — quanto mais não fosse por o atirador ainda andar à solta. Técnicos forenses, declarações de testemunhas e câmaras de videovigilância locais iriam ficar sob a alçada de Helen

e dos outros agentes no local do crime. A função de Sanderson seria localizar o fugitivo, o que no imediato passava por dar com o *Audi* desaparecido.

Ela iniciara imediatamente uma Busca Automática de Reconhecimento de Matrícula. Assim que uma câmara de trânsito apanhasse bem as matrículas do *Audi*, iria dar sinal no sistema. Este não era infalível, pois havia um ligeiro desfasamento e, se a viatura se movesse depressa, era complicado apontar a localização *exata*, mas indicar-lhes-ia mais ou menos a direção em que seguia. Poderiam então ser destacados agentes no terreno, assim como o helicóptero e Unidades de Reação Armada, para capturar o fugitivo.

Esta era, pelo menos, a teoria. Mas, até então, ainda não houvera quaisquer avistamentos ou sinalizações. Sanderson tinha questionado se deveria ser lançado um alerta geral, mas Helen recusara a ideia, insistindo que não queria a população envolvida sendo o nível de ameaça tão elevado. Era um ponto de vista correto, mas o vigor com que foi vincado deixara Sanderson perturbada.

A verdade era que, desde que Helen fora libertada da prisão, as coisas não andavam bem entre elas. Sanderson desempenhara um papel fundamental a ajudar Charlie a deter o sobrinho de Helen, o que garantiria a libertação desta, mas isso não fazia esquecer que antes disso julgara que a chefe seria capaz de matar a sangue-frio. Durante a investigação dos homicídios S&M, as suspeitas tinham recaído sobre Helen, e Sanderson fora atrás, não conseguindo perceber que a chefe fora tramada. Inconscientemente, ajudara a condenar uma mulher inocente a três meses de encarceramento na prisão de Holloway. Abordara o caso de forma franca e profissional, mas fora promovida às custas disso, ocupando temporariamente o cargo de Helen. Além do mais, o facto implicava uma falta de confiança básica em Helen difícil de apagar da memória coletiva.

Uma equipa da Divisão de Investigação Criminal é uma unidade coesa e, apesar de, pela lógica, Helen dever ter aplaudido a sua agente menos graduada por seguir as provas, emocionalmente as coisas eram bem mais complexas. Aos olhos de Sanderson, Helen

tornara-se ainda mais próxima de Charlie, excluindo os outros, principalmente a ela. Sanderson não era do tipo paranoico e sentia-se segura de que não imaginava as constantes descortesias e o aparente menosprezo pelas capacidades dela. Estava a ser a rejeitada, punida pela sua deslealdade.

A equipa parecia completamente envolvida nas suas tarefas, pelo que Sanderson se esgueirou para o gabinete de Helen. Durante meses, pertencera-lhe, mas era de novo de Helen, tendo todos os vestígios da breve ocupação de Sanderson sido removidos. Sanderson suspeitava que também *ela* em breve poderia vir a ser removida, talvez até da Polícia de Hampshire. E foi por isso que pegou num envelope que guardara no interior do seu casaco para o depositar no tabuleiro de Helen. Gostava daquela equipa, gostava de Southampton, e uns meses antes nunca se imaginaria a entregar um pedido formal de transferência. Mas as circunstâncias tinham mudado e ela percebia que teria de abandonar a sua querida Esquadra Central de Southampton se pretendia progredir na vida. Não era o que desejava, mas nada mais havia a fazer. Portanto, com um aperto no coração, virou-se e abandonou o gabinete de Helen, fechando suavemente a porta atrás de si.

9

8h13

— **N**ão estou a pedir tratamento especial. Só preciso de cinco minutos...
— É exatamente o que estás a pedir. E isso não vai acontecer.

— Eu sou discreta. Um par de fotos do local e depois...

— Estás louca? Já viste a quantidade de agentes que está ali? Ias ser algemada antes de chegares *perto* do...

— Deixa-me ser *eu* a correr esse risco.

— Para depois me virem dar cabo da cabeça? Dispensó.

Emilia conteve um franzir de sobrolho, fingindo antes um sorriso. Ao chegar junto do cordão policial, tinha ficado contente por ver o agente Alan Stark de serviço. Ele fora de grande préstimo nas investigações anteriores, sempre disposto a trocar informações por dinheiro. No entanto, naquele dia estava a revelar-se surpreendentemente pouco cooperante.

— Bom, já voltamos a isso — prosseguiu Emilia, num tom animado. — Para já, vamos tratar do básico. Sei que há uma vítima mortal, abatida a tiro...

— Caramba, como é que sabes?

— O que me falta é um nome...

— Estás a planear ligar à família? Para apresentar as tuas condolências?

Emilia fitou-o. Não estava a apreciar o tom de escárnio — ele nunca se comportara assim com ela. O facto de ser *exatamente* o que ela planeava não era para ali chamado.

— Olha, Alan, isto é um mal necessário — prosseguiu ela. — Por isso, não vamos complicar as coisas. Tenho dinheiro e, só por esta vez, posso subir a tua tarifa, por isso ganhamos os dois...

— Não quero o teu dinheiro.

— A sério? A tua sorte mudou? Os cavalos finalmente tornaram-se teus amigos...?

— Deixei-me disso.

Então Emilia ficou sem saber o que dizer. Alan Stark era um jogador inveterado, sempre a dever dinheiro a agentes de apostas. O dinheiro de Emilia livrara-o de uns quantos apuros no passado e espantava-a que ele agora recusasse as suas ofertas.

— Vá lá, Alan, sei que há muito que não dou notícias, mas não precisas de ficar assim. O que é que queres, 200, 300? Preciso de saber o nome.

Emilia levou a mão à mala, mas Stark agarrou-lhe o pulso, detendo-o e puxando-a para si.

— Porque é que não ouves o que te digo? — sussurrou num tom rude, com a voz a tremer de emoção. — Já não faço isso. Fiz uma promessa... à minha mulher, à minha filha... e não vou faltar à palavra por ti, nem por ninguém. Por isso, porque é que não te pões a andar e me deixas em paz?

Dito aquilo, empurrou-a para longe. Emilia apercebeu-se de lágrimas a acumularem-se nos olhos dele e entendeu de repente que avaliara muito mal a situação, que ele estava desesperadamente determinado a vencer o vício. Levantando as mãos em sinal de rendição, avançou mais junto ao cordão, misturando-se entre o aglomerado de jornalistas, motoristas e basbaques que compunham a multidão. Olhou pela estrada acima, irritada por o local do crime estar longe da vista para lá da curva e frustrada com a sua falta de progresso. Esperara coisas grandes daquela história, mas ia-se embora de mãos a abanar, graças à intransigência de Stark.

Visivelmente, a situação pessoal dele mudara — tal como a sua. Antes, quando era a estrela em ascensão do jornalismo criminal, os agentes ficavam contentes com os seus subornos. Agora que era

uma estagiária com excesso de qualificações, ninguém queria perder tempo consigo.

Por ora, pelo menos, permanecia de fora, a olhar.

10

8h20

Helen fechou a aba da tenda, trancando o mundo lá fora. A estrada encontrava-se pejada de agentes forenses, passando a pente fino as bermas da estrada e à procura de provas, examinando os padrões dos pneus nas marcas de derrapagens, enquanto tentavam formar a narrativa dos terríveis acontecimentos da manhã. Dentro da tenda, as coisas estavam bem mais tranquilas. Os agentes forenses tinham concluído a primeira observação ao corpo e agora embalavam as provas para análise, deixando a chefe sozinha na tenda.

Helen juntou-se a Meredith Walker, que lhe passou dois cartuchos de caçadeira, selados num saco de provas.

— São de uma caçadeira *Webley* de calibre 12 — informou ela quando Helen lhes pegou.

— São comuns? — questionou Helen, temendo saber já a resposta.

— Bastante. São usadas por agricultores, em provas de tiro, em clubes de armas. São de uma marca britânica fiável e não muito caras. Deve haver mais de vinte mil registadas só em Hampshire.

— Certo — reagiu Helen, tentando não soar deprimida.

— Se me arranjar a arma, posso fazê-la corresponder aos cartuchos descartados, mas não há como segui-la a partir deles, lamento.

— Encontrou impressões digitais nos cartuchos?

— Até agora nada, mas vamos verificar de novo no laboratório.

— O que pode dizer-me sobre os ferimentos?

Meredith virou costas a Helen para observar o corpo maltratado.

— Ela foi atingida duas vezes, à queima-roupa. O perpetrador não estava a mais de metro e meio dela.

Meredith posicionou-se em frente ao corpo, erguendo os braços e apontando-os para a vítima, como se disparasse uma caçadeira.

— Ele disparou diretamente contra ela, e os disparos atingiram-na uma, duas vezes no peito, praticamente no mesmo sítio. O impacto deve ter sido extremo; se o choque não a matou, terá sido a hemorragia interna. Tudo muito rápido.

Se isso era suposto confortar Helen, não surtiu efeito. Agradecendo, saiu da tenda e percorreu a estrada. Pouco mais poderia fazer ali, estava na hora de regressar à base, mas, ainda assim, hesitava. O Sol brilhava sobre Southampton e, por norma, aquela teria sido uma bela cena, com as folhas outonais a resplandecer sob a luz tépida. Mas, em vez disso, o pacato local fora o cenário de... o quê? Um ataque sem provocação? Um assalto brutal? Uma emboscada? A localização remota, o uso da caçadeira... aquilo recordava-lhe os crimes de outrora... um saltador de estradas deitado à espera numa via remota. Mas seria isso possível no século XXI? Para mais, se o assalto era o motivo, porque é que o atacante deixara ficar o dinheiro e as joias? Teria Sonia Smalling visto ou escutado algo que a tivesse levado a ser silenciada? Pelo contrário, se *fora* um ataque pessoal — algum tipo de vingança — porquê roubar-lhe o carro? Um carro que inevitavelmente seria detetado?

Havia tantas perguntas sem resposta, mas uma delas sobressaía na mente de Helen. O assassino procurara deliberadamente matar Sonia Smalling naquela manhã, ou matara-a simplesmente porque *podia*? O crime brutal parecia uma execução e deixava Helen com os nervos em franja. Nos últimos tempos, Southampton andara sossegada, mas ali parada, sozinha na anteriormente pacata via secundária, Helen teve a nítida sensação de que tal paz estava prestes a ser brutalmente estilhaçada.

11

8h46

O rádio ainda tocava quando pararam num lugar de estacionamento no centro da cidade. A anterior dona do *Audi* nitidamente gostava de *hits* do passado — a sua estação de eleição debitava uma grande quantidade de «clássicos» dos anos 70 e 80. A voz de Bob Geldof enchia agora o carro com *I Don't Like Mondays* a ecoar contra os vidros das janelas. O condutor demorou-se um pouco a apreciar a música, a ver a sua companheira a acompanhar o ritmo no assento ao lado, antes de desligar o rádio abruptamente.

— Estava a gostar — lamentou-se ela.

Sacudindo a cabeça, de bom humor, o condutor abriu a porta e saiu. Ao encaminhar-se para a traseira do carro, observou as pessoas que passavam. O Sol trepava pelo céu e o que começara por ser um dia frio estava decididamente a aquecer. A maioria das pessoas já passara para coletes de penas ou casacos de malha e ele sabia que os dois se arriscavam a destacar-se com os seus casacões compridos e pesados, pelo que não se demorou, abrindo a mala. A companheira juntou-se-lhe, mas não disse nada. Pressentia a mudança no estado de espírito dele.

Olhando rapidamente para a esquerda e a direita para ver se não havia ninguém por perto, ele retirou a manta que ocultava o conteúdo da mala, pegando numa mão-cheia de cápsulas e enfiando-as no bolso. Ela imitou-o, até não restar nada mais do que uma grande faca. Pegando-lhe repentinamente, prendeu-a ao peito, após o que abotoou o casaco, escondendo a arma.

— Parece que saíste de um jogo de vídeo — comentou ela, com o seu sotaque local a impor-se, apesar de tentar parecer americana.

Ele encolheu os ombros, mas ficou agradado com o elogio. Sempre se imaginara um guerreiro e agora parecia mesmo um. Atirando as chaves do carro para a mala do carro, fechou-a com força e virou-se para ela.

— Pronta?

Ela abanou lentamente a cabeça.

— Há uma coisa que temos de fazer primeiro... — gozou, retirando um pequeno frasco do bolso do casaco.

Desenroscando a tampa de segurança, depositou duas anfetaminas na mão dele, observando-o a lançá-las despreocupadamente à boca. Ela imitou-o e depois puxou uma terceira do frasco meio cheio.

— Mais uma, para dar sorte.

Com cuidado, pôs o pequeno comprimido branco na ponta da língua. Depois, envolvendo o companheiro com os braços, puxou-o para si. Ele abriu a boca, obsequiosamente, e ela enfiou lá a língua. Beijaram-se, de forma demorada e apaixonada, permitindo que o comprimido se dissolvesse devagar. Já começavam a sentir os efeitos dos dois primeiros a bater e agarraram-se com força, em pleno regozijo. Depois, lenta e relutantemente, ele afastou-se. Deteve-se para afastar um cabelo do rosto dela, deslizou-lhe um dedo pela cana do nariz e depois virou costas, batendo com os nós dos dedos na mala do carro.

— Vamos, miúda, temos trabalho pela frente.

Ele já seguia a passos largos na dianteira, pleno de energia e determinação. Ela parou e observou-o por um segundo e depois afastou-se rapidamente do veículo, seguindo o amante até à fileira de lojas.

12

8h57

Ela não sabia ao certo do que estava à espera, mas não era *aquilo*. As fotos que tinham acabado de lhe ser enfiadas na mão eram de uma mulher despida deitada numa mesa de autópsias em inox. Não se tratavam de fotografias vulgares do dia a dia, mas do tipo que Emilia vira frequentemente graças aos seus contactos bem cultivados na morgue da Polícia de Southampton. A pele da mulher era clara, tinha os olhos fechados e a imagem quase poderia ter uma aparência serena, não fosse o enorme buraco escarlate ao meio do peito. Parecia que tinha sido aberta para uma cirurgia, em vez de simplesmente assassinada, tal a violência do impacto.

— Caçadeira? — inquiriu Emilia.

David Spivack assentiu. Era um homem magro e careca, e envergava a bata de armador fúnebre. Trabalhando como assistente do patologista principal, Jim Grieves, tinha acesso completo ao variado elenco de cadáveres da morgue — na verdade, cosera a maioria deles —, mas possuía pouca da moralidade ou discrição do seu chefe.

— Tiro à queima-roupa — acabou por revelar, espreitando por cima do ombro para a saída de emergência da morgue. Estava parado na escadaria metálica com a jornalista e, apesar de fora da vista, não tinha a certeza de não ser ouvido.

— Um ou dois disparos?

— Dois. Quase abriu um buraco de um lado ao outro.

Emilia sorriu para si mesma. Spivack não era homem que desperdiçasse palavras em termos de sentimentos. Só não sabia se isso se devia ao facto de ser insensível ou de estar com pressa.

— Algum abuso *post mortem* ou agressão sexual?

— Ainda é prematuro dizer.

— O corpo estava vestido?

— Sim. E deixaram ficar a aliança e outros artigos de valor.

— Quem a encontrou?

— A inspetora-chefe Grace. Ao que parece, o assassino passou por ela...

Outro pormenor importante, que Emilia esperava poder aproveitar ao máximo.

— E sabemos quem ela é?

Spivack rapidamente a pôs a par dos pormenores, com Emilia a pará-lo uma vez ou outra para confirmar se ouvira bem. Uma mãe, casada, com um emprego de responsabilidade social, abatida numa estrada rural pacata — se havia algo que ia abalar as boas gentes de Southampton, seria isto. Melhor ainda, o assassino ainda andava à solta...

— É tudo o que sei — concluiu então Spivack. — Mas posso arranjar-te dados sobre os familiares mais próximos, se quiseres.

Os olhos dele incidiram na mala dela e Emilia não hesitou em abrir uma vez mais o fecho. Já há tanto tempo que estagnara, que ficara fora de jogo, que pensara se alguma vez disporia de uma segunda oportunidade. Mas Sonia Smalling, um louco armado e um funcionário da morgue com a língua solta tinham-lhe dado essa oportunidade.

Enquanto depositava mais 100 libras na mão de Spivack, Emilia orou rapidamente em silêncio pelos homens fracos de todo o mundo.

13

9h11

Ele parecia prestes a colapsar. Charlie acabara de revelar a novidade a Peter Smalling e encontravam-se agora na sala de estar acolhedora da casa dele, entreolhando-se em silêncio. As mãos dele tremiam, parecia ter problemas para respirar, pelo que, gesticulando à funcionária de apoio à família para que a ajudasse, Charlie pegou-lhe pelo braço, conduzindo o assoberbado marido de Sonia até ao sofá mais próximo.

Ele não proferira uma palavra desde que elas chegaram. Assim que viu os cartões de identificação, pareceu perceber o que foram comunicar-lhe. Charlie já fizera isto muitas vezes e foi direta ao assunto, transmitindo-lhe os pormenores básicos, omitindo os elementos mais desagradáveis. Peter escutara, assentira com a cabeça, e depois entrara na sala de estar. Charlie foi dar com ele parado a meio da sala, aparentemente atónito quanto ao que fazer a seguir. A funcionária de apoio à família tentara obter uma reação da parte dele, perguntando-lhe onde estavam os filhos e se haveria alguém que ele quisesse que ela contactasse, mas ele fitava-a como se ela falasse uma língua sem nexos. Parecia prestes a hiperventilar, pelo que, tendo-o encaminhado para o sofá, Charlie mandou a funcionária de apoio preparar uma chávena de chá. Naquele momento, o que Peter Smalling precisava era de espaço para respirar.

Uns dez minutos mais tarde, com a chávena de chá já a meio, pareceu ter recuperado a voz. Era nitidamente um homem tímido, um jornalista especializado em tecnologia que passava a maior parte

do dia enfiado no seu escritório caseiro, mas Charlie tinha de o levar a falar e, com gentileza, conseguiu despertá-lo do choque.

— Eu sei como é difícil. Tenho a noção de que conversar comigo será provavelmente a última coisa que quer fazer, mas preciso de lhe fazer umas perguntas, Peter. Pode ser?

— Sim — acabou por sussurrar, especado a olhar para o chá.

— Como é que a Sonia estava hoje de manhã? Estava preocupada com alguma coisa, perturbada?

— Não, não... Queria chegar cedo ao trabalho, hoje de manhã, nem teve tempo para passear os cães, mas tirando disso...

— Os vossos filhos estavam aqui?

— Sim, e ela acordou-os, como de costume. Hoje em dia isso é um bocado trabalhoso...

— E depois?

— Tomou um duche, comeu umas coisitas ao pequeno-almoço e saiu.

— E o Peter?

— Eu... eu deixei os miúdos na escola e depois fui passear os cães...

Acertando em cheio, dois agitados *setters* irlandeses irromperam na sala de estar, seguidos pela enervada funcionária de apoio à família.

— Desculpem. Estava a tentar mantê-los na cozinha, mas...

— Não tem mal — disse-lhe Charlie. — Eles ficam bem aqui.

Os cães tinham saltado para junto de Peter e estavam a enchê-lo de carinhos. Ele fez-lhes festas, afagando-lhes as orelhas compridas, e Charlie ficou tocada ao ver lágrimas a formarem-se nos olhos dele. A devoção e amor simples dos cães derrubavam o choque dele, revelando a verdadeira dimensão da sua devastação.

— E o caminho que a Sonia fez esta manhã é o que normalmente faz todos os dias para ir trabalhar? — questionou Charlie, sabendo que agora tinha de pressionar, antes que o perdesse por completo.

— Sim — respondeu Peter, limpando os olhos. — Ela garantia que era o caminho mais rápido.

— E porque é que estava tão empenhada em chegar cedo ao trabalho?

— Ela hoje tinha um monte de miúdos novos a iniciar um programa de trabalho comunitário.

— São jovens delinquentes, certo?

— Sim, a Sonia é agente de liberdade condicional. Trabalha com jovens que tomaram más decisões, ajuda-os a encarrilar.

— E ela alguma vez teve problemas no trabalho? Foi ameaçada? Vítima de violência...?

Peter ergueu o olhar, como que surpreendido com a pergunta.

— Acha que alguém fez isto... *deliberadamente*? — perguntou, como se a ideia nunca lhe tivesse ocorrido.

— É isso que estamos a tentar descobrir. Ela falou recentemente consigo sobre o trabalho, partilhou alguma preocupação?

— Não, nada desse tipo. Os miúdos não são de confiança, às vezes abusam, mas... são miúdos. Assim que se fala com eles e se lhes dá alguma atenção, algo a que possam dedicar-se... Sei que as pessoas acham que são maçãs podres, mas não são.

— E no passado? Recuando uns meses, talvez até anos?

Peter abanou uma vez mais a cabeça.

— Alguns miúdos são melhores do que outros, mas respeitavam a Sonia. Ela acompanhava-os quando tinham de pedir desculpa às vítimas, ajudava-os a desenvolver novas capacidades quando faziam serviço comunitário. Eles *gostavam* dela... e ela gostava deles.

— E a situação doméstica? Algum problema familiar? Problemas com os vizinhos?

— Não, não... — entou Peter, parecendo mais perplexo do que nunca.

— E o vosso casamento era feliz?

— Claro.

— Nada de problemas, nem stresses?

— Não, ela amava-me, amava os rapazes. Sentia saudades da família dela na Polónia, em especial da mãe...

— Então, a sua mulher não é de cá?

— Não, e depois? Porque é que me está a perguntar todas estas coisas? Só pode ter sido um acidente. Um caso de identidade trocada ou alguém furioso na estrada. Está-se sempre a ouvir falar dessas coisas nos jornais.

E então foi-se abaixo, ocultando o rosto nas mãos. A imagem da mulher, morta numa estrada rural, infiltrou-se na sua consciência e o horror da situação revelou-se avassalador. Os cães estavam agora a aperceber-se da perturbação dele, circulando nervosamente, carentes da sua atenção, mas pressentindo que se passava algo de errado. Peter chorava em silêncio, com a parte superior do corpo em convulsão. Charlie nada podia fazer a não ser observar, enquanto a vida agradável e ordenada dele se desmoronava. Queria confortá-lo, mas o que poderia fazer? A mulher dele morrera, os filhos tinham perdido a mãe e as causas e razões daquele crime brutal permaneciam completamente opacas.

MAL ME QUER

O corpo sem vida de uma mulher é encontrado no meio da estrada. À primeira vista parece tratar-se de um acidente trágico, mas quando a inspetora Helen Grace chega ao local do crime, torna-se claro para ela que a mulher foi vítima de um assassinio a sangue-frio sem razão aparente.

BEM ME QUER

Duas horas depois, do outro lado da cidade, um empregado de loja é morto, enquanto os seus clientes escapam ilesos.

MAL ME QUER

Ao longo do dia, a cidade de Southampton viverá um clima de terror às mãos de dois jovens assassinos, que parecem matar ao calhas.

BEM ME QUER

Para a inspetora Helen Grace, este dia vai tornar-se uma corrida contra o tempo. Quem vive? Quem morre? Quem será o próximo? O relógio não para...

Se Helen não conseguir resolver este quebra-cabeças mortal, mais sangue será derramado. E, se cometer algum erro, poderá muito bem ser o dela...

«HELEN GRACE É UMA DAS MAIS ENVOLVENTES PERSONAGENS DO ROMANCE POLICIAL DOS ÚLTIMOS TEMPOS.»

PUBLISHERS WEEKLY

Do mesmo autor dos bestsellers internacionais:



TOPSELLER

os livros em primeiro lugar

20|20 editora

ISBN 978-989-8869-45-6



9 789898 869456

Thriller